

A VÂNIA

A Vânia vive numa pequena cidade de província. Apesar de ser portadora de Trissomia 21, foi sempre muito bem aceite pelos seus pares. Andou, sozinha, pelos vinte e dois meses de idade. E começou a falar bem cedo, pouco depois de fazer um ano de vida. E pelos quatro anos já tinha adquirido o princípio alfabético, primeiro passo para a aprendizagem convencional da leitura. E aos cinco anos de idade já lia as sílabas directas. Quando entrou no primeiro ano, aos seis anos de idade, só ela, de entre todos os meninos, sabia ler. Sempre foi muito ajuizada: nada de comportamentos bizarros, diferentes das outras meninas. Aliás, nunca gostou de dar nas vistas, de se expor. Era bem tímida, embora brincasse muito bem com as coleguinhas, sobretudo com as mais calmas. À medida que crescia, as dificuldades nas aprendizagens, sobretudo as mais abstractas, como a matemática e a composição de textos, foram-se tornando mais evidentes. Nos desempenhos académicos susceptíveis de alguma automatização, como a leitura e as operações matemáticas básicas, a coisa lá ia andando. Mas, quando as actividades exigiam um discernimento mais complexo, a Vânia apresentava sérias dificuldades. Quando ingressou no quinto ano da escolaridade, os responsáveis pedagógicos da nova escola entraram literalmente em pânico. Mas, como se veio a verificar, não havia razões para tanto. Assim, por sugestão da equipa técnica que sempre a acompanhou, especializada no seguimento destas crianças, foi desenhado um currículo funcional muito flexível e criativo: a Vânia frequentava as disciplinas que muito bem entendesse, independentemente dos seus conteúdos, mesmo que claramente inatingíveis. Os tempos restantes seriam ocupados com disciplinas mais acessíveis, como a educação musical, a educação física ou a educação visual e tecnológica, mesmo que isso obrigasse à frequência de aulas destinadas a outras turmas do mesmo ano ou do ano seguinte. Assim, a Vânia, embora pertencesse à sua turma, poderia assistir a aulas de outros

grupos, conquanto os conteúdos fossem os melhores adaptados às suas características e necessidades. Adicionalmente, tinha um apoio de educação especial destinado, essencialmente, a solidificar as aprendizagens básicas de leitura, escrita e cálculo. E também participava em todas viagens de estudo e actividades extra-curriculares da escola, como o Clube de Teatro, a Oficina de Fotografia e o Atelier de Danças Tradicionais.

Pelos dezassete anos, a frequentar o nono ano, houve uma modificação súbita do comportamento: ficou menos interessada pela escola e pelas suas actividades; parecia andar sempre tristonha, sem se rir ou participar nas conversas; começou a ter dificuldades em adormecer; o apetite, até então muito bom e pouco selectivo, perdeu-se; andava mais irritadiça, impaciente e desatenta; perdeu o interesse pelas actividades de que mais gostava, como as telenovelas; e até começou, imaginem, a falar da morte. Fechava-se no seu quarto, onde ficava a chorar por longos períodos. Os pais, preocupados, consultaram um médico que diagnosticou uma depressão. A Vânia foi medicada e passou a receber um apoio psicológico. Mas, volvidos três meses, as queixas não se alteraram e, aparentemente, até foi notado um discreto agravamento. Pediram, então, a ajuda a um médico muito familiarizado com as alterações desenvolvimentais e comportamentais dos adolescentes com Trissomia 21. Depois de colher a história, para além de concordar com o diagnóstico de depressão anteriormente formulado, o médico aventou a hipótese de esta perturbação poder estar relacionada, entre outros factores, com uma situação de grande isolamento no espaço escolar, associado à consciencialização de que ela, Vânia, era diferente das colegas. Foi-se estudar esta hipótese e descobriu-se, realmente, que a Vânia não acompanhava o grupo: não era convidada, como antigamente, para a casa das amigas; não ia às festas ou aos almoços do pessoal; e, pior que tudo, não era convidada a partilhar as pequenas conversas, informações e intrigas típicas de um grupo de adolescentes. Em suma, foi

posta de lado. Tudo isto porque ela, talvez, não tivesse capacidade para partilhar, com reciprocidade, todos os pequenos detalhes da liturgia grupal. Ou talvez porque as suas colegas sentissem, se não vergonha, pelo menos incómodo com a sua visível deficiência. Enfim, perdeu, abruptamente, o sentimento de pertença a um grupo. E isso entristeceu-a muito. Conscientes de que a solução não passaria pelo reingresso da Vânia no grupo, uma vez que ele se dissolveria, previsivelmente, no final do ano lectivo, foi decidido desenhar um programa de transição para a vida adulta, com menor componente lectiva e mais centrado em actividades ocupacionais no espaço extra-escolar, já prenunciadoras de uma futura orientação vocacional. Os resultados não poderiam ter sido melhores: rapidamente recuperou a alegria de viver. Na escola, os professores aprenderam duas lições: que as pessoas com deficiência poderão ter consciência das suas diferenças; e que os docentes têm de estar mais atentos às dinâmicas dos grupos de jovens.

Hoje com dezanove anos, a Vânia, completamente restabelecida, está a trabalhar, a tempo inteiro e com contrato definitivo, numa conhecida firma de advogados. É, dizem, a mais feliz e alegre das funcionárias....